

João Paulo Pimentel

Ao Encontro de Jesus

*Vinte e seis modos de encontrar Jesus
e de saber estar com Ele*



EDITORIAL AO

Na Capa

Ecce Homo

Ticiano Vecellio (c.1558 - 1560)

Capa

Romão Figueiredo

Paginação

Editorial AO

Impressão e Acabamentos

Sersilito – Empresa Gráfica

Depósito Legal nº

534378/24

ISBN

978-972-39-0990-6

Julho de 2024

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443

livraria.apostoladodaoracao.pt | livros@snao.pt

www.redemundialdeoracaodopapa.pt

«No meu leito, toda a noite, procurei aquele que o meu coração ama; procurei-o e não o encontrei. Vou levantar-me e dar voltas pela cidade: pelas praças e pelas ruas, procurarei aquele que o meu coração ama.

Procurei-o e não o encontrei.

Encontraram-me os guardas que fazem ronda pela cidade: “Vistes aquele que o meu coração ama?” Mal me aparteí deles, logo encontrei aquele que o meu coração ama».

(Cântico dos Cânticos 3, 1-4)

(Leitura usada na festa de Santa Maria Madalena:
a que procurou o Senhor até o encontrar;
a que fez com que os apóstolos o procurassem).

Introdução

Só Tu, Senhor

No prefácio do primeiro volume sobre Jesus de Nazaré, Bento XVI explicava que aquela obra – absolutamente extraordinária, que merece o agradecimento de toda a Igreja – não era um texto do Magistério, «mas unicamente expressão da minha busca pessoal do “rosto do Senhor” (Sl 27, 8)»¹.

A busca pessoal de Cristo é, a meu ver, missão de cada cristão. Cada um de nós é convidado a conhecer melhor Jesus e a usar as próprias capacidades e recursos para essa deslumbrante finalidade. Cada pessoa fá-lo-á à sua maneira. As palavras de Bento XVI, inseridas naquela magna obra literária, fazem pensar que essa busca, como o nome indica, deve ser ativa e dedicada. Também do ponto de vista intelectual, pois em muitas ocasiões requer tempo, disponibilidade mental, estudo.

Claro que o conhecimento de Jesus é, sobretudo, uma graça. É sempre Deus quem atua primeiro, é Ele que suscita em nós o desejo de o procurarmos e de querermos estar com Ele. O Senhor não está nunca passivo: quer mesmo que tenhamos intimidade com Ele. Esta certeza facilita querer dedicar tempo à oração, esforçando-nos por falar com o Senhor e pedindo-lhe que nos permita conhecê-lo cada vez

¹ Bento XVI, *Jesus de Nazaré*, A Esfera dos Livros, Lisboa, 2007, p. 25.

melhor. Como cada um o procura à sua maneira, de acordo com as graças recebidas, encontramos santos que, sem elaborados conhecimentos de teologia, manifestaram uma sabedoria sobre Jesus que poderia ser motivo de inveja para muitos e bons teólogos.

No entanto, essa constatação não serve como desculpa para omitir o esforço que Deus reclama de cada um para que o procure com os recursos que tiver.

Em primeiro lugar, porque também existem grandes teólogos que foram santos, e não duvidamos que os conhecimentos teológicos contribuíram de forma decisiva para a sua união com Deus.

Em segundo lugar, convém insistir que o esforço do intelecto para ir ao encontro de Jesus é uma manifestação da nossa liberdade, com a qual Deus conta. Deus não se impõe. Convida-nos, isso sim, a que o recebamos na nossa vida. De certo modo, e em geral, Deus não «entra pela nossa casa adentro» sem ser convidado. Muitas vezes deixa o seu «cartão de visita», com telefone e direção (ou *mail* e *whatsapp*), em cima da mesinha de cabeceira. Teremos, pois, de o contactar. Às vezes, parece que não nos responde à primeira. Torna-se então necessário insistir de muitos modos, também pelo estudo.

Esse esforço para um encontro mais profundo com Jesus, adaptado aos recursos de cada um, para além de nos tornar mais conscientes de que a amizade com Ele é livre – pois depende do nosso querer (como qualquer amizade digna desse nome) –, é um ato de justiça: trata-se de fazer render os dons que Deus dá a cada um. E essa «tarefa» converte-se, para quem a assume, numa autêntica oração. Procurar Jesus, ir ao seu encontro, é já, de algum modo, uma oração.

Introdução

Sobre a centralidade e urgência desta procura de Cristo, são incontornáveis as palavras do Papa Francisco na sua primeira e programática exortação apostólica:

«Convido todo o cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de o procurar dia a dia sem cessar. Não há motivo para alguém poder pensar que este convite não lhe diz respeito, já que da alegria trazida pelo Senhor ninguém é excluído. A quem arrisca, o Senhor não o desilude; e quando alguém dá um pequeno passo em direção a Jesus, descobre que Ele já aguardava de braços abertos a sua chegada»².

Ao longo dos anos, muitos santos e pensadores cristãos foram descobrindo modos de se aproximar das imensas riquezas da Humanidade Santíssima de Jesus, «imagem do Deus invisível, o Primogénito de toda a criatura» (Cl 1, 15). Anualmente, os que rezamos a Liturgia das Horas lemos, com gosto, um sugestivo texto extraído do *Cântico Espiritual*, onde São João da Cruz explica:

«Há muito que aprofundar em Cristo, porque Ele é como uma mina abundante com muitas cavidades cheias de tesouros, que por mais que aprofundem nunca lhes encontram fim nem termo, antes em cada cavidade vão encontrando novas veias de novas riquezas»³.

² Papa Francisco, Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, n.º 3.

³ São João da Cruz, *Cântico Espiritual*, XXXVII, 4, Edições Carmelo, Aveiro, 1977, 4.ª ed., p. 804.

São palavras suficientemente estimulantes para nunca nos cansarmos de procurar Jesus. Se alguém pensa que já o conhece «suficientemente», por esse mesmo motivo demonstra a enorme distância que ainda o separa d'Ele.

Foi meu propósito procurar reunir neste livro, de modo sintético e não excessivamente acadêmico, diferentes perspectivas, devoções, caminhos que foram sendo desbravados por quem amou Jesus. Todos eles são uma consoladora fonte de graças e auxiliarão os leitores a penetrar cada vez mais no conhecimento de Nosso Senhor e a saber conviver com Ele. Em cada um deles, parece-nos escutar as palavras de São Pedro (*2 Pe* 1, 2): «Graça e paz vos sejam dadas em abundância, pelo conhecimento de Deus e de Jesus, Nosso Senhor».

A ideia estava há uns anos nos meus arquivos. Decidi trabalhá-la com um grupo de universitários e jovens profissionais da Paróquia de Nossa Senhora da Porta do Céu, em Telheiras (Lisboa), depois de o grupo ter sido constituído. A seriedade de cada um e a vontade de, juntos, percorrermos um caminho criaram as condições para, com o apoio de todos, realizar aquele ambicioso projeto.

Porque se trata de um trabalho eminentemente prático, que pretende facilitar recursos para conhecer melhor Nosso Senhor Jesus Cristo e ter mais intimidade com Ele, procurámos referências simples, mas significativas, dos santos e autores espirituais de reconhecido mérito. A utilidade desta iniciativa não depende da originalidade dos capítulos, aliás nunca pretendida. Limitámo-nos a pesquisar e transcrever o que nos pareceu mais útil e prático para um jovem cristão. Espero que este pequeno esforço por reunir esses diversos recursos sirva para aumentar o amor a Nosso Senhor.

Introdução

À medida que fomos estudando cada devoção, em ritmo semanal, procurámos não só identificar a fundamentação bíblica correspondente, mas também «ensaiá-la» nas pessoas do grupo, para depois partilharmos cada novo modo de orar, com perguntas do seguinte teor: «Como me ajudou a mim? Que novas perspectivas me abriu? Que dificuldades encontrei para o seu exercício?» Cada capítulo foi redigido tendo também em conta este contributo existencial do grupo.

No ano do Sínodo sobre a Juventude, pareceu-me que seria um bom contributo compor uma obra que fosse fruto do trabalho de jovens cristãos, pensando na evangelização de jovens cristãos (e não só) e contando com a espiritualidade de cada um deles. Mediante a participação semanal nas sessões, a pesquisa de alguns para expor os temas, as valiosas sugestões à primeira versão do livro e os frutos da oração pessoal de cada um – muitas vezes ao compasso das sessões –, todos quiseram ir ao encontro de Jesus, com ritmos e opções variadas.

No entanto, devo confidenciar que, em muitas ocasiões, tive a clara consciência de que foi o Senhor quem veio ao nosso encontro e nos procurou. Como poderia ser de outro modo? O facto de, todas as semanas, ao longo de um ano, termos conseguido reunir entre 12 a 25 jovens para falar de Cristo e com Cristo nos momentos de oração, como poderia ser explicado senão pela sua graça?

Tal como o Papa Francisco sublinhou com força na exortação apostólica, fruto do Sínodo sobre a Juventude, uma das verdades essenciais da nossa fé, à qual devemos retornar uma e outra vez, é esta: Cristo está vivo! Cristo vive! Foi isso mesmo que, no dia da Ressurreição, escutaram as santas mulheres pela voz dos anjos (*Lc 24, 5-6*): «Porque

procurais entre os mortos aquele que está vivo? Ele não está aqui, ressuscitou».

Com este livro, dirigimos o convite a ir ao encontro não de uma personagem do passado, mas de alguém que nos acompanha e quer estabelecer um diálogo com cada um. Por esse motivo, sugiro que o leitor procure realmente falar com Jesus, usando os diversos recursos. Comprovará que todos eles são de grande ajuda, ainda que cada pessoa tenha as suas preferências.

Para terminar estas linhas, relembro outras estimulantes palavras do Papa Francisco, mais uma vez extraídas da referida exortação apostólica dedicada à juventude, e que terminam evocando palavras do seu antecessor:

«Se conseguires apreciar com o coração a beleza deste anúncio e te deixares encontrar pelo Senhor; se te deixares amar e salvar por Ele; se entrares na sua intimidade e começares a conversar com Cristo vivo sobre as coisas concretas da tua vida, esta será a grande experiência, será a experiência fundamental que sustentará a tua vida cristã. Esta será também a experiência que poderás comunicar a outros jovens. Porque, “ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo”»⁴.

Sim, caríssimo leitor: sem a experiência pessoal de amizade com Jesus, sem o esforço por procurá-lo a sério e aprender

⁴ Papa Francisco, Exortação apostólica *Christus vivit*, n.º 129. As palavras finais, da autoria do Papa Bento XVI, são uma citação da sua encíclica *Deus caritas est*, n.º 1.

a estar com Ele, será impossível perseverar numa vida autenticamente cristã. Por muitas «atividades» que se realizem, ou crescemos na amizade com Jesus ou qualquer iniciativa, por mais criativa que seja, não passará de mero fogo de artifício.

Façamos nossa a resposta de São Tomás de Aquino, que brotou rapidamente do mais profundo do seu coração quando Cristo, elogiando-o pelo trabalho feito, lhe perguntou que dom gostaria de receber da parte de Deus: «Quero-te a ti, Senhor, só a ti». É um formoso eco, vários séculos depois, das vibrantes palavras de São Paulo aos Filipenses (3, 8):

«Considero todas as coisas como prejuízo, comparando-as com o bem supremo, que é conhecer Jesus Cristo, meu Senhor. Por Ele, renunciei a todas as coisas e considereirei tudo como lixo, para ganhar a Cristo e n'Ele me encontrar».

Ordem dos capítulos e outras observações metodológicas

Embora me pareça que a ordem dos capítulos é facilmente perceptível, gostaria de acrescentar uma breve explicação. Confesso que a ordem inicialmente prevista não foi exatamente a que acabei por seguir. Como se tratava de sessões semanais, transcorridas as primeiras semanas, pareceu-me mais adequado e prático centrar-nos na devoção à Humanidade Santíssima que mais tivesse a ver com a festa cristológica que se aproximava. Deste modo, depois de uma primeira parte sobre modos essenciais e mais abrangentes de ir ao encontro do Senhor – que não estão ligados a uma época litúrgica particular –, proponho na segunda parte

devoções que podem facilitar que se dê mais importância a festas cristológicas «sazonais». Não é que não possamos rezar diante de uma imagem do Menino Jesus em agosto, mas é evidente que seria uma pena se não o fizéssemos no tempo de Natal. Penso que todos poderão entender esta opção metodológica.

Se é verdade que ela pode ocasionar uma menor ordem na exposição ou na hierarquia das devoções, tem a enorme vantagem de oferecer propostas concretas para que, em cada mês do ano, não percamos o desejo de procurar o Senhor de formas variadas, aprofundando ciclicamente cada uma dessas devoções. Na minha paróquia, durante algum tempo, na hora santa mensal de adoração, o guião apoiou-se na devoção de cada mês.

Tendo em conta que não pretendi escrever uma obra académica, procurei diminuir as citações que poderiam entorpecer a leitura fluída. Aceito desde já as críticas que possam ser feitas a omissões deste ou daquele santo. Seria certamente possível (e talvez desejável, em alguns casos) introduzir muitíssimas referências mais. Mas esta não é uma obra académica que vise transmitir tudo o que foi dito sobre uma determinada devoção, nem pretende ser uma espécie de apresentação «definitiva» sobre cada devoção. Trata-se de fornecer algumas pistas ao leitor que anda à procura de Cristo. Cada um pode e deve completar os capítulos com outras referências que conheça.

Encontrei vinte e seis modos de aprender a estar com Jesus, mas certamente haverá muitos mais. Faço notar que os dois primeiros capítulos constituem o mesmo modo de se aproximar de Jesus: o uso dos Evangelhos.

Introdução

Para manter a metodologia das sessões, no final de cada capítulo sugiro pistas que permitam ao leitor exercitar-se em cada devoção.

Sem ânimo de polemizar, anoto que recorri não só à sabedoria e à espiritualidade dos santos de diferentes épocas, mas também, logicamente, ao Magistério da Igreja ao longo dos tempos. Ao reler o manuscrito, só posso dar graças a Deus por termos mantido uma sincera abertura intelectual a tudo o que, na nossa perspectiva, pode ajudar as pessoas a aproximarem-se de Jesus. Uma das grandes lições do pontificado de Bento XVI é, justamente, a firme convicção de pertencermos a uma só Igreja, que, desde os tempos de Cristo, percorre o mundo. É normal que possamos ser mais sensíveis a um determinado modo de expor os ensinamentos de Jesus, mas essa propensão não deve levar a excluir o património espiritual e doutrinal da Igreja. A consciente exclusão de parcelas do Magistério – seja ele do período anterior ao Concílio Vaticano II, seja o próprio concílio e o Magistério que se lhe seguiu, seja ainda o Magistério do atual pontífice – é de algum modo colocar-se fora da catolicidade da Igreja, com a terrível consequência de perdermos «algo» de Cristo. Espero humildemente que esta obra possa contribuir de modo indireto para reconciliar alguns católicos com toda a Igreja de Jesus, do passado e do presente, à qual pertencemos com agradecimento e alegria. Pois em todas as épocas a Igreja procurou que os fiéis pudessem encontrar Jesus.

Índice

<i>Introdução – Só Tu, Senhor</i>	7
Ordem dos capítulos e outras observações metodológicas	13

PRIMEIRA PARTE

1. Para reconhecer a firmeza dos ensinamentos recebidos: ter e ler os Evangelhos	19
<i>Sugestões práticas</i>	28
2. «Sentada aos pés do Senhor, ouvia a sua palavra»: modos de ler o Evangelho	29
<i>Sugestões práticas</i>	42
3. «E o Verbo fez-se carne»: as biografias de Jesus	43
<i>Sugestões práticas</i>	52
4. O «quinto Evangelho»: a Terra Santa	53
<i>Sugestões práticas</i>	58
5. «Nós temos o pensamento de Cristo»: conhecer Jesus por conaturalidade	59
<i>Sugestões práticas</i>	78
6. «A mim o fizestes»: reconhecer Jesus nos pobres	79
<i>Sugestões práticas</i>	91

7.	«Glória de Israel, vosso povo»: hinos cristológicos	93
	§1. <i>Magnificat</i> (Lc 1, 46-55)	96
	§2. <i>Benedictus</i> (Lc 1, 68-79)	98
	§3. <i>Nunc dimittis</i> (Lc 2, 29-32)	100
	§4. <i>Os hinos das cartas de São Paulo</i>	103
	<i>Sugestões práticas</i>	112
8.	Aquele que queremos conhecer e amar: o Prólogo do Evangelho de São João	113
	<i>Sugestões práticas</i>	123
9.	Examinai as Escrituras»: o Antigo Testamento	125
	<i>Sugestões práticas</i>	144
	Ladainha de Cristo profetizado	145
10.	«Jesus escondido»: a Eucaristia	149
	<i>Sugestões práticas</i>	163

SEGUNDA PARTE

11.	Acompanhar os mistérios de Jesus Cristo ao longo do ano	167
	<i>Sugestões práticas</i>	175
12.	«Tudo o que pedirdes em meu Nome, Eu o farei»: O Nome de Jesus (janeiro)	177
	<i>Sugestões práticas</i>	187
13.	«Pelas suas Chagas fostes curados»: as Chagas de Cristo (fevereiro)	189
	<i>Sugestões práticas</i>	197
14.	«Tome a sua cruz e siga-me»: a Via-Sacra (março)	199
	<i>Sugestões práticas</i>	212

Índice

15.	«Ele vive!»: Ressurreição e <i>Via Lucis</i> (abril)	215
	<i>Sugestões práticas</i>	226
16.	Caminhar com Jesus: a procissão do Corpo de Deus (maio/junho)	229
	<i>Sugestões práticas</i>	238
17.	Reclinar-se sobre o peito do Mestre: o Coração de Jesus (junho)	239
	<i>Sugestões práticas</i>	254
18.	«Derramado por todos»: o preciosíssimo Sangue (julho)	257
	<i>Sugestões práticas</i>	265
19.	«Procurarei, Senhor, o teu Rosto»: a santa Face de Jesus (agosto)	267
	<i>Sugestões práticas</i>	284
20.	«Vê!»: as imagens de Jesus (agosto - 2)	285
	<i>Sugestões práticas</i>	294
21.	A melhor história de todos os tempos: os filmes sobre Cristo (agosto - 3)	295
	<i>Sugestões práticas</i>	301
22.	A Cruz, o crucifixo e a oração de Santo André (setembro)	303
	<i>Sugestões práticas</i>	314
23.	«Viu e acreditou»: o santo sudário (setembro - 2)	315
	<i>Sugestões práticas</i>	323

Ao Encontro de Jesus

24.	«Bem-aventurados os peitos que te amamentaram»:	
	o Rosário (outubro)	325
	<i>Sugestões práticas</i>	334
25.	O rosto da misericórdia divina (novembro)	337
	<i>Sugestões práticas</i>	353
26.	«Vamos até Belém e vejamos o que lá aconteceu»:	
	o Presépio e as figuras do Menino Jesus (dezembro) ..	355
	<i>Sugestões práticas</i>	366
27.	Orações a Jesus	369
	<i>Conclusão</i>	383
	<i>Índice</i>	387